

Empresas brasileiras ainda resistem em abrir capital

Das 464 empresas listadas na BM&FBovespa, somente 16 são do Paraná e duas de Londrina

Nelson Bortolin
Reportagem Local

Das mais de 4,3 milhões de empresas existentes no Brasil, apenas 464 estão listadas na Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros (BM&FBovespa), sendo somente 16 do Paraná e 2 de Londrina. Os números mostram que, apesar do dinamismo que a economia do País vem experimentando nos últimos anos, ainda não é muito grande a quantidade de empresários que se arriscam a buscar financiamento no mercado de capitais.

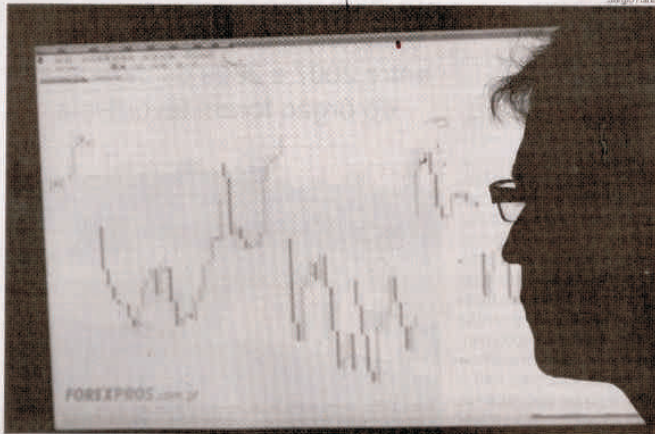
Em 2011, até agosto, apenas 11 empresas fizeram seu IPO (sigla em inglês para Oferta Pública Inicial de ações). Durante todo o ano passado, também foram 11. "O momento é delicado devido às incertezas econômicas na Europa e nos Estados Unidos", reconhece Edna Holanda, gerente de Prospecção de Empresas da BM&FBovespa.

Os segmentos que ultimamente mais buscam o mercado de capitais no País são aqueles voltados às classes emergentes C e D e os envolvidos em obras de infraestrutura e do Pré-Sal.

Definir quando uma organização deve abrir seu capital não é simples. "Não existe uma receita de bolo. Ela precisa despertar o interesse dos investidores. Precisa ser uma promessa de retorno", afirma.

Mas quem pensa tratar-se de um negócio apenas para megaorganizações está errado. Segundo a gerente, o porte não é determinante para o ingresso no mercado de capitais, tanto é que a Bolsa mantém uma modalidade, o Bovespa Mais, voltado a pequenas e médias empresas. Criada há três anos, conta apenas com duas organizações.

O pré-requisito principal para o empresário que deseja abrir seu capital é não ter medo de transparência e nem de compartilhar decisões. "São



Segmentos das classes emergentes C e D e de obras e infraestrutura e do Pré-Sal são os que mais buscam o mercado de capitais

muitas as variáveis para responder qual o momento ideal para uma empresa abrir seu capital. Mas basicamente, ela precisa estar madura", afirma Bruce Mescher, sócio da Consultoria Deloitte e líder do grupo especializado em normas internacionais.

Ele lembra que a empresa passará por uma auditoria da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), no qual terá de demonstrar seus balanços dos últimos três anos. "É preciso estar disposto a passar por um processo de transparência e de governança corporativa", ressalta.

Entrar para a Bolsa de Valores não é exatamente uma tarefa simples que o empresário possa fazer sozinho. Ele vai precisar da ajuda de um escritório de advocacia, de uma empresa de auditoria e de um banco de investimento.

Inicialmente, a empresa precisa ter configuração jurídica de sociedade por ações (SA). Depois, tem de pedir registro como companhia aberta na Comissão de Valores Mobiliários (CVM), que é o órgão regulador e fiscalizador do mercado de capitais brasileiro. E finalmente precisa solicitar a listagem na BM&FBovespa.

Segundo Vinícius Brum, consultor sócio do Instituto Nacional de Desenvolvimento Gerencial (INDG), a demanda por modernização tecnológica, inovação, pesquisa e desenvolvimento de novos produtos exige das empresas volumes cada vez maiores de investimentos. "Abrir o capital permite captar os recursos financeiros necessários a partir de investidores externos que se tornam acionistas do

Bovespa Mais tem só duas listadas

O Bovespa Mais teve início em 2008 com o objetivo de dar oportunidade para pequenas e médias empresas participarem do mercado de capitais. Por enquanto, somente duas, a Desenx Energias Renováveis, de Florianópolis, e a Nutriplant Indústria e Comércio, de Paulínia (SP), estão listadas na modalidade.

A Desenx acabou não fazendo o seu IPO (primeira oferta de ações na bolsa). Conforme explica o CEO José Antônio Sobrinho, o "mercado não apontou o valor da empresa como desejado". O projeto foi adiado por pelo menos três anos. "Já vinhamos negociando com um parceiro estratégico, que é a SN Power, com quem fechamos contrato para entrada igualitária na governança da

companhia", conta.

Sobrinho afirma que o fato de já estar listada na BM&FBovespa deixa "uma porta aberta para futuras captações no mercado". Ele conta que o processo de adaptação da empresa para atuar no mercado de capitais já está concluído. "Nos obrigamos a organizar nossa governança e estrutura. Demos ainda mais transparência à empresa. Ajustamos os balanços, definimos uma política de gestão corporativa mais firme e tudo isso foi um ganho: um investimento positivo", relata.

A reportagem não conseguiu contato com a Nutriplant. Ao realizar seu IPO em 2008, a fabricante de fertilizantes captou R\$ 20,7 milhões com a distribuição de 2.070 ações a R\$ 10 cada. (N.B.)

negócio", afirma.

De acordo com ele, a abertura de capital e as emissões posteriores de ações são "parte de um processo de captação de recursos" com poucas limitações. "Enquanto financiamentos bancários muitas vezes trazem consigo questões operacionais muito específicas como amortização, prazo para pagamento e resgate, a emissão de ações requer apenas que existam investidores interessados na empresa", diferencia.

Mas ele ressalta que o empreendimento "precisa saber muito bem" o que vai fazer com os recursos captados no mercado. "É preciso ter um plano estratégico de longo prazo que defina os objetivos e projetos estratégicos de crescimento e melhoria da operação", ressalta.

PERFIL DO INVESTIDOR

Apenas 23% de quem investe na BM&FBovespa são pessoas físicas brasileiras. Estrangeiros têm maior participação.

VEJA GRÁFICO (EM %)



Construtoras de Londrina não querem arriscar

Entre 2006 e 2008, ocorreu uma onda de abertura de capital entre as construtoras brasileiras. Mas, em Londrina, as duas maiores do setor, Plaenge e A.Yoshii, preferiram manter-se fechadas.

"Naquela época fomos muito assediados pelos bancos (para colocar ações na bolsa). Avaliamos a possibilidade, mas chegamos à conclusão de que não valeria a pena", conta o diretor da Plaenge, Alexandre Fabian.

Segundo ele, o segmento da construção civil vive de ciclos longos, de 3 a 4 anos, conforme as obras vão sendo lançadas e construídas. "E o mercado de capitais tem um imediatismo muito grande. Cobra resultados em curto prazo", justifica.

Outro ponto, segundo ele, é que a Plaenge sempre controlou por meio do Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e há mais de 20 anos não tem dívida de capital de giro. "Avaliamos que seria melhor mantermos a empresa bem capitalizada, sem lançar mão do mercado de capitais, que sofre de muita oscilação", complementa.

A perda de autonomia

também foi um receio da construtora quando descartou ir à Bolsa de Valores. "A gente percebe que, quando uma empresa abre seu capital, ela perde independência. Passa a decidir menos com base no que ela própria acha melhor e mais pela forma que os novos acionistas entendem ser a melhor", ressalta.

Já na A.Yoshii, a possibilidade de abertura de capital nem foi cogitada por motivos parecidos. "Trabalhamos com crédito imobiliário. Os recursos vêm do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) e da poupança", explica o diretor de Incorporação da empresa, Silvio Iwao Muraguchi.

Ele salienta que cada empresa tem sua própria estratégia para alavancar seu crescimento. E que o mercado de capitais pode ser perigoso se uma construtora não estiver bem preparada para atuar dentro dele. "A empresa pode se sentir pressionada, por exemplo, a lançar um empreendimento sem os devidos cuidados só para dar uma resposta à expectativa do investidor", acredita.

Questionado se o Brasil corre o risco de sofrer uma bolha imobiliária a exemplo dos Estados Unidos, Muraguchi nega. "Nosso sistema financeiro é muito mais rigoroso", ressalta. (N.B.)

AS PARANAENSES

O Estado tem apenas 16 empresas listadas na BM&FBovespa, sendo 2 de Londrina. Confira abaixo:

Empresa	Setor	Cidade/sede
ALL AMÉRICA LATINA LOGÍSTICA S.A.	Transporte ferroviário	Cajuru
BATTISTELLA ADM PARTICIPAÇÕES S.A.	Financeiro	Curitiba
BEMATECH S.A.	Tecnologia da informação	São José dos Pinhais
CIA (CAJUE DE CAFÉ SOLÚVEL	Alimentos	LONDRINA
CIA (CAJUE DE CAFÉ SOLÚVEL	Alimentos	Cornélio Proença
CIA PARANAENSE DE ENERGIA - COPEL	Energia elétrica	Curitiba
CIA PROVIDÊNCIA INDÚSTRIA E COMÉRCIO	Materiais básicos	São José dos Pinhais
CIA SANEAMENTO DO PARANÁ - SANEPAR	Água e saneamento	Curitiba
DTCOM - DIRECT TO COMPANY S.A.	Bens industriais	Quatro Barras
EMPRESA CONC. RODOV. DO NORTE - ECONORTE	Exploração de rodovias	LONDRINA
INEPAR ENERGIA S.A.	Energia elétrica	Curitiba
INEPAR TELECOMUNICAÇÕES S.A.	Telefonia móvel	Curitiba
METALGRÁFICA IGUAÇU S.A.	Embalagens	Ponta Grossa
PARANÁ BÉO S.A.	Financeiro	Curitiba
POSITIVO INFORMÁTICA S.A.	Tecnologia da informação	Curitiba
TERMINAIS PORTUÁRIOS PONTA DO FELIX S.A.	Não classificada	Antonina

Fonte: BM&FBovespa

Folha Arte



Câmara Municipal de Londrina